



Revista Latinoamericana de Psicopatologia  
Fundamental

ISSN: 1415-4714

[psicopatologiafundamental@uol.com.br](mailto:psicopatologiafundamental@uol.com.br)

Associação Universitária de Pesquisa em  
Psicopatologia Fundamental  
Brasil

Ramos, Arthur

O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. 10, núm. 4, diciembre, 2007, pp. 729-744

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233018492015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## O negro brasileiro:<sup>1,2</sup> etnografia religiosa e psicanálise<sup>3</sup>

Arthur Ramos

### Introdução

#### I

729

[7]<sup>4</sup> O Negro Americano! Como reagiu ele no novo *habitat*? Que influências sofreu a sua psique ao contato de outras raças e de outros

1. *O negro brasileiro*: etnografia religiosa e psicanálise, foi publicado em 1934, no Rio de Janeiro, pela editora Civilização Brasileira, e é desta primeira edição que foi extraída a “Introdução” aqui reproduzida. A segunda edição da obra (1940), revista e aumentada pelo autor, é considerada definitiva, tendo sido reproduzida integralmente em edições posteriores. Contudo, entre a redação do texto que compõe a versão original e o prefácio elaborado por Arthur Ramos para a edição de 1940, passaram-se anos fundamentais. Nesse meio tempo, Ramos foi duramente criticado pela presença maciça da psicanálise como instrumento de análise dos dados etnográficos presentes no livro. O prefácio de 1940 é, em boa medida, uma reação a tais críticas. Ao mesmo tempo que defende o seu ponto de vista, A. Ramos admite um certo redirecionamento no modo como combina psicanálise e antropologia em seus estudos. Foi realizada uma atualização ortográfica, tendo sido, entretanto, mantidas as notas de rodapé originais, mesmo não sendo este o critério da revista. (Nota do Revisor, daqui em diante NR).
2. Revisão técnica e notas por Guilherme Gutman.
3. A partir da segunda edição (1940), desaparece a palavra “psicanálise” do subtítulo original (NR).
4. Os números entre colchetes indicam a numeração original das páginas.

meios? De outro lado, que influxos exerceu nos povos neo-continetais com que se amalgamou? Qual a sua posição no Brasil em paralelo com seus irmãos de cor em outros países do continente americano? São problemas que ainda não foram desvendados em todos os seus segredos e determinantes sutis. Toda a América recebeu o influxo misterioso e impalpável desta raça<sup>5</sup> que foi violentamente arrancada do seu *habitat* de origem pelo branco explorador e cobiçoso.

E se no Continente Negro, a sua alma só agora está preocupando os psicólogos e sociólogos, esses estudos e pesquisas repercutirão até nós, fornecendo elementos para a devassa dos seus horizontes psíquicos, só agora entrevistados à argúcia dos perscrutadores do inconsciente coletivo.

A Grande Guerra, as convulsões sociais desse angustiado momento que vivemos, despertaram a nossa atenção para um assunto até então só explorado como motivo estético ou como questão econômica, simples capítulo da política de colonização. A *cabana do Pai Thomás* de uma Harriet Beecher Stowe, ou toda a poesia libertária de um Castro Alves apenas despertam um vago sentimento de piedade para uma raça, que uma falsa lógica considerou inferior. Este ciclo clássico [8] da escravidão agrária sob o guante dos “senhores” das plantações, com os seus ímpetos de desesperada reação explodindo em convulsões tremendas de dor, “corresponde inteiramente – na frase irônica de Cristobal de Castro<sup>6</sup> – ao reativo sentimental e ingênuo da época”. Por isso esses poemas de piedade “branca” não são dramas negros, e sim negróides. Correspondem, em sentido, à imensa choradeira indianista sem significação humana. Este ciclo “negróide” é a expressão de um romanticismo de mistificação, ocultando as verdadeiras faces do problema sob as capas de um sentimentalismo doentio, sadomasoquista, onde a piedade exaltada era, na realidade, a contraparte, o outro pólo de um sadismo negricida, sem precedentes.

As tremendas enxurradas revolucionárias de após-guerra inverteram subitamente os dados do problema. Com efeito, a abolição da escravatura nas várias partes de Toda-a-América não havia libertado o negro da pesada cadeia de preconceitos seculares. A sua alma continuava presa aos grilhões do seu complexo de inferioridade coletivo. E a “cintura negra”, a *color line* cingia a pobre raça num círculo constritivo mais forte do que os “colares de ferro”, o “tronco”, o “anjinho” e outros instrumentos de suplício da escravidão. Isso que, no Brasil, era apenas sentido como um constrangimento psíquico, interno, sem coação exterior, na América do Norte era a expressão flagrante de uma realidade palpável.

5. Na edição de 1940, aparece neste trecho a palavra “povo”, e não “raça” como aqui.

6. Cristobal de Castro. *Prologo do Teatro Burlesco de los Negros*. Madrid, 1932, p. 8 (nota do autor, daqui em diante NA).

A *color line* é qualquer coisa de tremendo que separa duas raças de uma maneira gritante e odiosa. E então foram os *pogroms* e *lynchings*, os enforcamentos, todas as restrições da vida social, o isolamento do branco – os “Jim Crow Cars”, os bairros negros – Harlem, em New York, Hill District em Pittsburgh, South, [9] em Chicago etc.<sup>7</sup> O Negro reagiu, então, na música. E à reação da fase da escravidão – com os seus “Plantations songs, labor songs, revival songs”... - juntou-se a outra, a da odiosidade social, originando o inquietante barulho do *jazz*, cujos ritmos de uma imensa dor quebram os muros de Harlem e levam ao mundo inteiro um brado de revolta e de reação! Os *blues* que subiram do Mississipi cantaram com uma suavidade ancestral toda uma longa história de dor e de sofrimento:

To be a Negro, in a day like this  
Alas, Lord God, what will have we done

lastima-se Corrothers. Mas é outro poeta negro, Langston Hughes quem agora, em ímpeto de soberba afirmação, explode a sua profecia de iluminado:

I, too, sing America  
I am the darker brother  
They send me to eat in the kitchen  
When company comes  
But I laugh  
And eat well  
And grow strong  
Tomorrow  
I'll sit at the table  
When company comes  
[10] Nobody'll dare  
Say to me

7. Vide, para a “questão negra”, na América do Norte: W. H. Thomas. *The american Negro*. New York, 1901. – Frank L. Schoell, *La question des Noirs aux Etats-Units*, Payot, 1923. – Id., *U.S.A. du coté des blancs et du coté des noirs*, Paris, 1929 (bibliog. à p. 107). – Hinton Rowan Helper, *The negroes in Negroland; the negroes in America* etc., New York, 1868. – Ray Stannard Baker, *Following the color line. An account of negro citizenship in the american democracy*, New York, 1908. – Benjamin G. Brawley, *A short history of the American negro*, New York, 1917. – V. F. Calverton, *Anthology of american negro literature*, New York, 1929. etc. (NA).

Esta nota é prolongada na edição de 1940 com: Sobre o negro na América, vide Arthur Ramos, *As culturas negras no Novo Mundo*, 1937, cap. V. (NR).

“Eat in the kitchen”  
Then  
Besides they’ll see how beautiful I am  
And he ashamed  
I, too, am America

Esta reação vem vindo. E nós vemos hoje, na América do Norte, que os seus doze milhões de negros confinados a princípio nas zonas algodoeira e petrolífera do Sul (Virgínia, Geórgia, Flórida, Carolina, Louisiana etc.) começaram, nos anos de 1917 e 1918, uma emigração súbita e poderosa para as usinas da Pensilvânia, do Illinois, do Michigan e, mais geralmente, de todo o Este e todo o *Middle-West* industriais.<sup>8</sup> Essa intensa migração determinada pelas necessidades da guerra, mobilizou grande massa de negros que se derramaram por vários Estados do Norte e do Nordeste americano.

Esta urbanização, de aproximadamente dois milhões de negros nos Estados do Norte, fenômeno que se completou depois da guerra, com a sua instalação nas grandes cidades-padrões do capitalismo industrial, trouxe movimentos de reivindicação, que vieram mais chamar a atenção do mundo para o “problema negro”. Fala-se muito hoje de um “renascimento negro” nos E.E.U.U. Lembra Schoell que “the new Negro, Racial Revival, Exaltation of Things black, Negro Prestige”, por exemplo, são expressões comuns hoje e que mal se encontravam, antes da guerra, sob a pena de escritores “brancos”. É um verdadeiro movimento “pan-negro” com associações como a N.A.A.C.P. (National Association for the Advancement of Coloured People), movimento [11] que tem à frente grandes escritores negros como Du Bois, Calverton, Brawley, Walter White etc.

Na realidade, a influência do negro em toda a América vinha se fazendo de uma maneira lenta e insidiosa, mas inegável, a ponto de chamar a atenção de psicólogos, fora mesmo de toda a questão antropológica de fusões raciais etc. É assim que depois de sua viagem à América do Norte, se expressou C. G. Jung, o grande psicanalista suíço dissidente:<sup>9</sup> “O que logo me feriu a atenção foi a grande influência dos negros, influência psicológica sem mistura de sangue, naturalmente. É nos suplementos cômicos das folhas americanas que se pode estudar melhor a exteriorização emocional do Americano, em primeiro lugar seu riso; encontra-

8. Cf. Schoell, *U. S. A.*, op. cit., p. 112 e segs. (NA).

Esta nota é prolongada na edição de 1940 com: Vide também Arthur Ramos, O negro nos Estados Unidos, *Diário de Notícias*, Rio, 21.7.1938” (NR).

9. C. G. Jung, Conferência pronunciada em 1927, na Escola de Sabedoria do Conde de Keyserling. – Vide Keyserling, *Norteamérica libertada*, trad. hesp., 1931, p. 57 e C. G. Jung, *Essais de psychologie analytique*, trad. franc. de Yves Le Lay, Paris, 1931, p. 109 (NA).

se a forma primitiva do riso inimitável de Roosevelt no negro de América. Este andar particular, de articulações relativamente frouxas, quadris ondulantes, que se observa freqüentemente nas americanas, vem dos negros. A música americana tirou sua inspiração principal do negro; a dança é uma dança negra. As manifestações do sentimento religioso, os *revival meetings*, os *holly rollers* e outras estranhezas, são fortemente influenciadas pelos negros e pode-se facilmente comparar a famosa ingenuidade americana, em suas formas encantadoras tanto quanto em suas manifestações menos agradáveis, à puerilidade do negro. O temperamento em geral muito vivo que se manifesta não somente no jogo da bola, mas sobretudo no prazer extraordinário que se toma à expressão verbal e cujo exemplo mais frisante é a onda de incessante palavrório dos jornais americanos, pode dificilmente provir dos antepassados germânicos e assemelha-se antes ao *bavardage* da aldeia negra. A falta quase absoluta de intimidade, a enorme sociabilidade que [12] absorve tudo, lembram a vida primitiva em suas choças abertas, na identidade completa de todos os companheiros do clã. Pareceu-me que as portas de todas as casas americanas estavam continuamente abertas, da mesma forma que nas cidades do campo não há separação entre os jardins. Parece que se está em toda a parte, na rua.

É naturalmente difícil determinar no detalhe o que é preciso pôr à conta da simbiose com o negro e o que deva ser atribuído à circunstância de ser a América uma nação de pioneiros num solo ainda virgem. Mas, no conjunto, a influência do negro sobre o caráter geral do povo é inegável.”

Com muito maior razão essa influência se faz<sup>10</sup> sentir nos povos com os quais o negro se pôs em contato biológico – na América Central e do Sul.

## II

Qual o número de negros em Toda-a-América? Num trabalho recente sobre o assunto, Luis Cincinato Bello<sup>11</sup> distribui a população negra do mundo num total de 125.431.000, entre 105.000.000 para a África e 20.431.000 para a América, estes assim avaliados:

10. Na edição de 1940, o tempo verbal muda, e onde aqui lê-se “faz”, passa a ler-se “fez” (NR).

11. Luis Cincinato Bello, *Los Negros en África y América*, Barcelona, 1932, p. 22 (NA).

Esta nota é prolongada na edição de 1940 com: “Para o desenvolvimento do assunto vide Arthur Ramos, *As culturas negras*, etc., cit., p. 79 e sgs. (NR).

Negros dos E.E. U.U. (censo de 1920) .....	10.000.000
Negros do Haiti .....	2.000.000
Negros do Brasil (segundo Roquette Pinto, 14 por 100 da população, que era de 40.000.000, em 1930) .....	5.600.000
Negros em Cuba (censo de 1924) .....	831.000
Negros de outros países da América Central e do Sul .....	2.000.000

[13] Essas pesquisas estatísticas no Brasil têm encontrado toda a série de obstáculos. Até 1830, pôde ser feito um cômputo aproximado que revelou, para uma população de 1.300.000 habitantes, 71.31% de brancos e caboclos e 28.69% de negros e mulatos. Mas o censo de 1920 esbarrou com um preconceito inconcebível, a tal questão do sentimentalismo de raça e o complexo de inferioridade, e não deu conta das percentagens raciais. Essa discriminação indireta foi tentada, porém, por autores como Roquette Pinto, Oliveira Vianna, Arthur Lobo (para o exército brasileiro) e Alfredo Ellis Junior (para as populações paulistas), e outros. Assim, num exame de cerca de 30.000 soldados do exército brasileiro, encontrou o coronel dr. Arthur Lobo as seguintes percentagens para todo o Brasil:

734

Branços.....	59%
Mulatos e mestiços.....	30%
Negros.....	10% <sup>12</sup>

As porcentagens encontradas em 1922, pelo prof. Roquette Pinto<sup>13</sup> após longa série de estudos realizados no Museu Nacional, aproximam-se das anteriores:

Branços.....	51%
Mulatos .....	22%
Caboclos .....	11%
Negros .....	14%
Índios .....	2%

12. É curioso o fato de que, somadas as percentagens, totalizam 99%. Na edição de 1940, Ramos acrescenta a esta tabela os “caboclos”, aos quais corresponde o 1% restante (NR).

13. E. Roquette Pinto, *Nota sobre os tipos Antropológicos do Brasil*, Archivos do Museu Nacional, Vol. XXX, Rio, 1928, p. 309 e *Ensaio de Antropologia brasileira*, S. Paulo, 1933, p. 128. – Coronel Dr. Arthur Lobo da Silva, *A antropologia do Exército Brasileiro*, loc. cit., p. 19 (NA). Esta nota é prolongada na edição de 1940 com: “Vide ainda Arthur Ramos, *op. cit.*, p. 281 e sgs. (NR).

Mas uma série de questões propriamente estatísticas assalta o espírito do investigador. Qual o número de escravos chega[14]dos ao Brasil com o tráfico? Quais as várias raças ou tribos introduzidas e a sua distribuição numérica nos vários pontos do território nacional? E depois qual a percentagem dos negros “de nação” (africanos de origem) em paralelo com a dos negros “crioulos” (nascidos em território brasileiro)? Quase nada se tentou para resolver todas essas questões, tendo-se gasto uma imensa papelada e discursórios parlamentares da campanha abolicionista que foi a única face do problema negro abordado. Estudos propriamente científicos foram postos de lado, à exceção dos trabalhos memoráveis de Nina Rodrigues.<sup>14</sup> Mas esses mesmos esbarraram com todas as dificuldades – a escassez de documentos, destruídos em obediência àqueles preconceitos fartamente referidos, a vastidão do território nacional, obrigando à localização desses estudos – o que os tornou unilaterais, para o professor baiano, como provaremos largamente nas páginas deste livro. Isso para me referir tão só à documentação, sem falar nos falsos ângulos de visão da ciência da época, toda impregnada de Gobineau, de Lapouge, dos teóricos da tese das desigualdades raciais.

Como para a América do Norte, como para as Antilhas, o negro foi introduzido no Brasil para mão-de-obra, nas plantações de açúcar e algodão, cacau e café, nas zonas agrícolas de Pernambuco, Bahia e Rio, a princípio, depois Maranhão e Estados limítrofes, e por fim nas zonas centrais de [15] mineração. Em trabalho ulterior, procuraremos estudar essas questões de pura história do tráfico negro, descriminação antro-po-geográfica<sup>15</sup> das tribos importadas e assuntos

14. Entre os muitos trabalhos de Nina Rodrigues destacam-se os seguintes sobre o negro e o mestiço brasileiros: *Antropologia patológica: os mestiços*, Brasil Medico, 1890; – *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, 1ª ed. Bahia, 1894; 2ª ed. de Afranio Peixoto, Rio, 1933; – *Métissage, dégénérescence et crime*, Arch. d'Anthrop. crim., 1898; – *Nègres criminels au Brésil*, Arch. di psych., scienze penali e antr. crim., vol. XVI; – *L'animisme fétichiste des nègres de Bahia*, Bahia, 1900; – *La paranoïa chez les nègres, atavisme psychique et paranoïa*, Arch. d'Anthrop. crim., 1902; – *Contribuição ao estudo dos índices osteométricos da raça negra*, Rev. dos Cursos da Fac. de Med. da Bahia, 1904; – vários trabalhos publicados em revistas diversas depois reunidos num estudo de conjunto sobre *O problema da raça negra na América Portuguesa*, que deixou incompleto. Com o material deixado pelo malogrado mestre e documentos encontrados no Instituto Nina Rodrigues, Homero Pires recompôs *Os Africanos no Brasil*, Rio, 1933 (NA).

Esta nota é prolongada na edição de 1940 com: “Em 1934, editei *O animismo fetichista dos negros baianos*, de que só existiam artigos esparsos e a edição em francês. Em 1939, recompos a obra, deixada inédita e inacabada, *As coletividades anormais* (Vols. II e XIX da *Biblioteca de Divulgação Científica*) NR.

15. Na edição de 1940, ao contrário de “antro-po-geográfica”, encontramos “étnica” (NR).



correlatos. É tão grande a confusão nessas pesquisas, que os nossos mais eruditos historiadores e sociólogos tropeçam ainda em fatos elementares como devia ser o estudo da discriminação das tribos importadas, seu valor numérico, antropológico, sociológico etc. Oliveira Vianna<sup>16</sup> colocou a questão nos seus devidos termos, quando observa que não basta estudar “uma” raça negra, mas “vários” tipos negros, equação esta que deve ser armada igualmente para o branco e o índio. Mas é esse mesmo eminente sociólogo que, procurando resolver o problema posto por ele no concernente ao negro, ora faz uma discriminação apressada dos “tipos” aqui introduzidos<sup>17</sup> ora esquematiza uma modalidade temperamental que assinala ao negro, “em geral”, quando lhe reconhece um “*make-up*” ciclóide em oposição à esquizoidia do índio.<sup>18</sup> A história do tráfico de escravos no Brasil ainda não está suficientemente escrita. É toda uma longa história, só [16] ela comportando um vasto volume. Bem assim, a história da escravidão.<sup>19</sup> A destruição dos documentos históricos, determinada pelo Ministério da Fazenda, em circular n. 29 de 13 de maio de 1891, inutilizou várias tentativas nesse sentido. E continuam muitos daqueles problemas aludidos sem solução.

Quais as tribos africanas entradas no Brasil? Por muito tempo tem lavrado grande confusão a respeito, supondo alguns dos nossos mais autorizados historiadores, copiando uma antiga nota de Spix e Martius, que fossem negros “bantos” os que entraram no Brasil, exclusivamente para uns, em maior número,

16. Oliveira Vianna, *Raça e assimilação*, 2ª ed., S. Paulo, 1934, p. 77 e segs. (NA).

17. Essa barafunda sobre os tipos introduzidos está evidente no trabalho *Evolução do povo brasileiro*, 2ª ed., 1933, no seguinte trecho que, como exemplo, transcrevo textualmente (p. 139): “Só a enumeração das tribos ou ‘nações’ aqui entradas forma um rosário interminável: e são *felupos*, *minas*, *cabindas*, *angolas*, *gegis*, *monjolos*, *benguellas*, *cassanges*, *libolos*, *gingas*, *mandingas*, *haussás*, *jolopos*, *yorubas*, *egbas*, *felanins*, *achantis*, *fulás*, *yebús*, *krumanos*, *timinins*, *efans*, *congos*, *cangalas*, *bambas*, *bantus*, *nagôs* e tantíssimas outras etc.” Numa rápida crítica a essa lista, observaremos que há ali termos genéricos, como *bantos* (englobando, portanto, *benguelas*, *congos* etc.) e termos referentes a pequenas nações, como *yebus*, *egbás* ...; redundância: *iorubas* são os mesmos *nagôs*; *felanins* são os mesmos *fulás* (aliás *fulás* ou *felatás*, de onde o termo popular: negros *fulos* ou *fulas*); os *achantis* são os mesmos *minas* (negros das linguas *Tshi* e *Gá*, da Costa do Ouro); os *efans* estão compreendidos entre os *jejes* (são eles os daomeanos de “cara queimada”) etc. Vê-se a confusão que lavrava entre os historiadores, a quem competia essa distinção inicial, facilitando o trabalho dos sociólogos (NA).

18. Id., *Raça e assimilação*, p. 43 e segs. Nesta 2ª ed., Oliveira Vianna, respondendo a uma crítica análoga do prof. Berardinelli, diz que apenas formulou uma “hipótese de trabalho” (p. 243 e segs.) NA.

19. Vide, para a história política da escravidão no Brasil: Evaristo de Moraes, *A escravidão africana no Brasil (das origens à extinção)*, S. Paulo, 1933 (NA).

para outros. Assim, para Spix e Martius, os negros escravos no Brasil teriam provindo dos “Congos”, “Cabindas” e “Angolas” da África ocidental, e dos “Macuas” e “Angicos”, da Costa oriental.<sup>20</sup> Nas suas memórias sobre as tribos negras importadas, Affonso Claudio<sup>21</sup> e Braz do Amaral,<sup>22</sup> embora avançando em grande esforço de discriminação, não conseguiram esclarecer cabalmente o assunto. A confusão reconhecia vários fatores: inexistência de documentos originais, nomes vulgares que os negros se davam a eles próprios, de acordo com o lugar de origem, às vezes simples cidades ou vilas,<sup>23</sup> movimentos migratórios secundários do próprio país – na África e no Brasil; [17] absorção sociopsicológica (e isso veremos como foi evidente nas formas religiosas), das tribos mais atrasadas pelas mais adiantadas; formação de uma língua geral



Figura 1 – Negros e negra da Bahia

20. Spix und von Martius, *Reise in Brasilien*, cit. por Nina Rodrigues, *Os africanos no Brasil*, p. 32 (NA).
21. Affonso Claudio, *As tribos negras importadas. Estudo ethnographico, sua distribuição regional no Brasil. Os grandes mercados de escravos*; Revista do Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro, t. LXXII, 2ª parte, 1910, p. 597-655 (NA).
22. Braz do Amaral, *ibid.*, loc. cit., p. 663-693 (NA).
23. Foi esse o critério utilizado por alguns estudiosos, na falta de documentos históricos da escravidão, por exemplo Manoel Querino, que depois de enumerar as várias denominações de negros, na Bahia, explica: “Os nomes acima citados indicam, apenas, localidades de nascimento ou de tribo onde a linguagem primitiva sofreu alterações, originando os diversos patuás.” (*A raça africana e os seus costumes na Bahia*, Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geografia, 1º vol., Bahia, 1916, p. 627) NA.

(“nagô”, na Bahia; “quimbundo”, em outros pontos); pelo mesmo fenômeno de absorção. Foi Nina Rodrigues quem lançou a primeira luz sobre a questão, e, na Bahia, identificou a grossa massa da população negra como sendo de procedência “sudanesa”: “iorubas”, “jejes”, “haussás”, “minas”... sem embargo da existência lá, em menor número, de negros de origem “banto”: “angolas”, “cabindas”...



Figura 2 – Grupo de antigos carregadores africanos

O assunto é vastíssimo e será estudado especialmente no volume que se seguirá a este sobre antropológico do negro brasileiro.<sup>24</sup> Mas já podemos chegar a uma relativa clareza, concluindo, da simples leitura dos estudos existentes, e do largo inquérito a que procedemos sobre as religiões negras, que entraram, no Brasil, negros dos dois grandes grupos “sudaneses” e “bantos”. O primeiro grupo foi introduzido inicialmente nos mercados de escravos da Bahia, de lá espalhando-se pelas plantações do recôncavo e secundariamente por outros pontos do Brasil. Desses negros sudaneses, os mais importantes foram os “iorubanos” ou “nagôs” e os “jejes” (“Ewes” ou “daomeanos”) e em segundo lugar os “minas” (“Tshis” e “Gás”), os “haussás”, os “tapas”, os “bornus”, e os

24. Na edição de 1940, o “assunto vastíssimo” será estudado nos volumes que se seguirão; além disso, não há o complemento “sobre antropológico do negro brasileiro”, aqui presente (NR).

“gruncis” ou “galinhas”. Com esses negros sudaneses entraram dois povos de origem berbere-etiópica e influência maometana: os “fulás” e os “mandês”.<sup>25</sup> Os “bantos” foram introduzidos em Pernambuco (estendendo-se a Alagoas), Rio de Janeiro (estendendo-se ao Estado do Rio, Minas e S. Paulo) e Maranhão (estendendo-se ao litoral paraense), focos primitivos de onde se irradiaram posteriormente para vários pontos do território brasileiro (fig. 3). “Bantos” foram os “angolas”, os “congos” ou “cabindas”, os “benquelas”, os negros de Moçambique (incluindo os “macuas” [18] e “angicos” a que se referiram Spix e Martius). As demais denominações que tanta confusão originaram nada mais são do que províncias ou regiões do vasto território afro-austral, “habitat” dos povos bantos.<sup>26</sup>



Figura 3 – Primitivos focos da entrada de negros escravos, no Brasil

25. Vide mais adiante o capítulo sobre o *malês* (NA).

26. Na edição de 1940 há, neste ponto, a seguinte nota de rodapé: “No livro *As culturas negras no Novo Mundo*, adotando o critério do registro das sobrevivências culturais propus uma classificação que é, na realidade, o desenvolvimento dos grupos apontados acima (vide *As culturas negras*, op. cit., p. 293) NR.

“Sudaneses” e “bantos” entrados no Brasil aqui se fundiram uns com os outros, constituindo uma população escrava que progressivamente se foi amalgamando aos demais contingentes da população brasileira – em cruzamentos biológicos e inter-influências de ordem psico-sociológica.

### [19] III

740 Numa conferência recente que pronunciei no Centro de Estudos Oswaldo Spengler<sup>27</sup> apresentei as várias faces do problema da raça negra do Brasil, a exigir especialistas em ramos científicos diversos. É, antes de tudo, um problema “histórico”: a questão do tráfico, as raças negras importadas, a história da escravidão etc. É um problema “antropo-geográfico”: as características antropológicas dos negros de várias procedências no país de origem, as suas características antropológicas no Brasil e variações em função de meio. É um problema “etnográfico”: religiões, hábitos, tradições etc., no país original e seu cotejo no novo *habitat*. É um problema “biológico”: questões de hereditologia racial; o problema da mestiçagem... É um problema “lingüístico”: a influência das línguas africanas no português. É um problema “sociológico”: a influência do negro em geral na vida social brasileira. E outros...

Em cada um destes setores há, na verdade, estudos interessantes já realizados, mas dispersos, fragmentários, tateantes e provisórios. Não é o momento de me referir a eles, fazendo-o em dois trabalhos de próxima publicação que se seguirão ao presente volume.

O primeiro será dedicado à “Antropologia e sociologia do negro” e abordará os seguintes temas: (a) “Antropologia” (caracteres antropológicos das tribos de origem; antropologia do negro brasileiro; o negro e a antropogeografia); (b) “Biologia” (questões de hereditologia e higiene racial; o problema da mestiçagem; os modernos problemas da raça); (c) “Sociologia” (o tráfico e a formação da mentalidade [20] escravocrata; sociologia da escravidão; a influência do negro na vida social brasileira).

O outro volume estudará o “Folclore de influência negra” com o seguinte sumário: (a) “O ciclo da escravidão” (folclore do tráfico; folclore dos engenhos e das plantações; folclore das minas etc.); (b) “O ciclo totêmico” (as festas populares; folclore dos animais e das plantas); (c) “O ciclo religioso” (os submítos; a degradação mítica e o folclore heróico); (d) “O ciclo da magia”

27. Arthur Ramos, *O negro na evolução social brasileira*, Conf. Pronunciada no Centro Oswaldo Spengler da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 25 de novembro de 1933 (NA).

(hábitos supérstites; feitiçarias e crendices; a medicina popular e o curandeirismo); (e) “O ciclo moral” (os contos; o folclore mestiço).<sup>28</sup>

Inverti a série desses estudos, com a publicação do primeiro inquérito sobre as religiões negro-fetichistas,<sup>29</sup> que já havia esboçado em ensaios anteriores.<sup>30</sup> E isso propositadamente. O estudo do sentimento religioso é o melhor caminho para se penetrar na psicologia de um povo. Leva diretamente a esses estratos profundos do inconsciente coletivo, desvendando-nos essa base emocional comum, que é o verdadeiro dínamo das realizações sociais.

O estudioso que, no Brasil, quiser se dedicar à etnografia religiosa de sua população negra terá inevitavelmente que partir de Nina Rodrigues, cujos trabalhos estão sendo agora revelados ao público, por iniciativa do meu prezado mestre e amigo professor Afrânio Peixoto.

Os seus estudos sobre “O animismo fetichista dos negros da Bahia” constituem o marco inicial de tais investigações. O essencial ficou feito. Aquelas observações, profundamente exatas, sobre o fetichismo dos negros baianos, vieram ao encontro das pesquisas congêneres do Coronel A. B. Ellis na África Ocidental, sobre a religião de Ioruba, trabalhos só [21] muito depois conhecidos de Nina Rodrigues, que os cotejou com os seus da Bahia, surpreendendo-se com a quase identidade de resultados.

Mas o estudioso dos nossos dias, seguindo a trilha aberta pelo inimitável mestre baiano, defrontar-se-á com duas tarefas de importância: a) continuar a colher materiais diretos de observação, nos vários Estados do Brasil, cotejando-os com os primitivos; b) reinterpretar esses materiais, com os métodos científicos do seu tempo.

A primeira parte da sua tarefa será de grande alcance. Continuando a recolher esse material de observação, o etnógrafo terá elementos para completar os primeiros dados documentários e, principalmente, acompanhar a evolução e transformação das espécies religiosas inferiores, já evidentes no tempo de Nina

28. Na edição de 1940 há, neste ponto, a seguinte nota de rodapé: “Modifiquei um pouco a ordem e os objetivos dos volumes anunciados. Já foram publicados: *O folclore negro do Brasil* (1934) e *As culturas negras no Novo Mundo* (1937), estando em preparo o 4º volume sobre a história e psicologia social da escravidão: *Negros escravos*”. Este último jamais foi publicado (NR).

29. Na edição de 1940 consta apenas “religiões negras” e não “negro-fetichistas” como aqui; os grifos são nossos (NR).

30. Id., *Os horizontes míticos do negro da Bahia*, Arquivos do Instituto Nina Rodrigues, 1932, n. 1; – Id., *A possessão fetichista na Bahia*, *ibid.*, 1932, n. 2; – Id., *Os instrumentos musicais dos “candomblés” da Bahia*, *Bahia Medica*, julho, 1932; – Id., *O mito de Iemanjá e suas raízes inconscientes*, *ibid.*, agosto, 1932 (NA).

Rodrigues, e que estão a seguir rapidamente a sua obra de sincretismo ao contato com outras formas religiosas mais adiantadas.

A esse trabalho, que exige um esforço formidável, demos início na Bahia e no Rio de Janeiro, acompanhados por outros estudiosos, em vários pontos do Brasil. Algumas dessas pesquisas propriamente documentárias são quase completamente inéditas, como a das religiões de origem banto.

A segunda tarefa, de não menor importância, é a da nova exegese documentária, com os métodos científicos contemporâneos. Muitas idéias do mestre baiano já não resistirão à crítica científica de nossos dias.

Sem nos determos, no momento, em pontos contestáveis de outras obras suas – por exemplo, a tese da inferioridade antropológica de certos grupos étnicos, da degenerescência da mestiçagem... que estão a sofrer radical revisão ao sopro dos Boas, dos Fischer, dos Lenz etc.<sup>31</sup> – as dedicadas às religiões negras apresentam postulados científicos que estão em franco desacordo com a ciência atual.

A teoria animista da escola antropológica inglesa, com Tylor à frente, e tanto das preferências do sábio baiano, já não tem significado para o nosso tempo. Lévy-Bruhl impri[22]miu novos rumos e trouxe novas e surpreendentes interpretações ao conhecimento da psique primitiva, principalmente das suas manifestações religiosas, com a teoria do pensamento pré-lógico e da lei de participação. De outro lado, a psicanálise introduziu uma fecunda orientação metodológica ao assunto, continuando e completando as luminosas vistas da escola de Lévy-Bruhl.<sup>32</sup>

O ritual e os processos de magia, os fenômenos de possessão fetichista, o sincretismo religioso, os mitos negros etc., têm que ser reinterpretados com esses novos métodos de pesquisa científica.

São esses primeiros resultados que ora apresentamos no atual volume, cuja primeira parte será dedicada à documentação, e a segunda à interpretação analítica dos resultados, à luz daqueles referidos métodos.

Certamente não devemos alimentar a ilusão de que esses novos métodos sejam definitivos, e infalíveis essas teorias. Eles nada mais são do que novas “hipóteses de trabalho” (para empregar uma expressão consagrada), reflexos do espírito científico da época, a nos impulsionarem para novas pesquisas. Não

31. Na edição de 1940, os nomes de Fischer e de Lenz serão substituídos por “moderna antropologia cultural”. O nome de Boas, contudo, sobreviverá à revisão de Ramos (NR).

32. Na edição de 1940 há, neste ponto, a seguinte nota de rodapé: “Sobre a discussão metodológica, vide apêndice desta 2ª edição”. Neste, Ramos debate com os seus críticos, especialmente no que diz respeito ao aproveitamento da psicanálise como instrumental teórico para as suas análises (NR).

devemos nos preocupar com o “verdadeiro” de uma hipótese, mas com a “fecundidade” de seus resultados. Se a ciência de nossos dias infirma a exatidão de certos postulados da época em que trabalhou Nina Rodrigues, nem por isso podemos deixar de reconhecer quão fecundos foram e continuam a ser os resultados de suas investigações.

O presente trabalho é o primeiro resultado de um largo inquérito procedido diretamente nos “candomblés” da Bahia, nas “macumbas” do Rio de Janeiro e nos “catimbós” de alguns Estados do Nordeste, sobre as formas elementares do sentimento religioso de origem negra, no Brasil. Foi em virtude da minha profissão de médico legista e clínico, que me pus em contato, na Bahia, com as classes negra e mestiça da sua população, indo surpreender a muito custo e após tenaz e paciente esforço, todos os mistérios das religiões negro-fetichistas<sup>33</sup> e as formas de todo esse cerimonial mágico-religioso de [23] origem africana. Transportando-me para o Rio de Janeiro, fui honrado com o convite de Anísio Teixeira, para instalar um Serviço de Higiene Mental nas Escolas do Distrito Federal. Entre outros afazeres deste Serviço, pus-me a estudar a população proletária<sup>34</sup> dos morros do Rio de Janeiro e por aí, progressivamente penetrei no recôndito das macumbas e dos centros de feitiçaria. Deste modo, o presente trabalho não deixa de ter um largo alcance higiênico e educacional. Evidentemente nada teremos realizado em matéria de educação se, preliminarmente, não procurarmos conhecer a própria estrutura dinâmico-emocional da nossa vida coletiva. E todo o trabalho resultará improficuo, se não desenredarmos todas as tramas inconscientes do logro e da superstição, impedindo que uma resistência surda e insidiosa vá desmanchar posteriormente todo o árduo trabalho dos educadores e dos higienistas.

Estudando, neste ensaio, “as representações coletivas” das classes atrasadas da população brasileira, no setor religioso, não endosso absolutamente, como várias vezes tenho repetido, os postulados de inferioridade do negro e da sua incapacidade de civilização. Essas representações coletivas existem em qualquer grupo social atrasado em cultura. É uma consequência do pensamento mágico e pré-lógico, independentes da questão antropológico-racial, porque podem surgir em outras condições e em qualquer grupo étnico – nas aglomerações atrasadas em cultura, classes pobres das sociedades, crianças, adultos nevrosados, no sonho, na arte, em determinadas condições de regressão psíquica... Esses

33. Como notamos em outro trecho do texto, na edição de 1940 consta apenas “religiões negras” e não “negro-fetichistas” como aqui; os grifos são nossos (NR).

34. A palavra “proletária” desaparece na edição de 1940 (NR).



conceitos de “primitivo”, de “arcaico”, são puramente psicológicos e nada têm a ver com a questão da inferioridade racial. Assim, para a obra da educação e da cultura, é preciso conhecer essas modalidades do pensamento “primitivo”, para corrigi-lo, elevando-o a etapas mais adiantadas, o que só será conseguido por uma revolução educacional que aja em profundidade, uma revolução “vertical” e “intersticial” que desça aos degraus remotos do inconsciente coletivo e solte as amarras pré-lógicas a que se acha acorrentado.

[24] Não oculto as falhas e imprecisões deste trabalho, na realidade o primeiro estudo de conjunto sobre as religiões negras do Brasil. Para isso, aceito pressuroso qualquer elemento, quaisquer dados sobre o açoitado – fatos de “macumba”, documentário de feitiçaria em geral, rezas e fórmulas de encantamento, medicina mágica etc., tudo enfim referente à raça negra – que podem ser enviados ao endereço permanente abaixo.<sup>35</sup>

Dirijo aqui a expressão dos meus mais efusivos agradecimentos a todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram na feitura deste trabalho, especialmente ao meu querido amigo prof. Hosannah de Oliveira, docente da Faculdade de Medicina da Bahia, que acompanhou e controlou as minhas observações e pesquisas nos “candomblés” da Bahia; aos colegas e auxiliares do Instituto Nina Rodrigues; aos prezados amigos drs. Luys de Mendonça e Bittencourt Junior, companheiros de excursão aos morros do Rio de Janeiro, no recesso das “macumbas”; a d. Luiza Gallet, estudiosa dos assuntos de folclore musical de origem negra, pelas muitas e valiosas sugestões, dados bibliográficos, que teve a gentileza de me fornecer. Espero ter correspondido neste ensaio inicial à expectativa bondosa dos amigos que me sabiam dedicado a esses estudos.

ARTHUR RAMOS

7 de julho de 1934.

INSTITUTO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS

(Seção de Ortofrenia e Higiene Mental)

Edifício Carioca, 8.º and., Largo da Carioca

RIO DE JANEIRO

#### ARTHUR RAMOS DE ARAÚJO PEREIRA (1903-1949)

Psiquiatra e educador brasileiro; autor de livros importantes que abordam questões psicopatológicas sob o prisma da cultura e da teoria psicanalítica. Principais contribuições científicas são *O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise* (1934), *O folclore negro no Brasil: demopsicologia e psicanálise* (1935) e sua tese de Medicina, intitulada *Primitivo e loucura* (1926).

35. Na edição de 1940, “para classificação e estudo” substitui “ao endereço permanente abaixo”, conforme encontramos aqui (NR).